



**Casa da Cultura António Bentes**  
Biblioteca  
(Secção de Recortes)

# Casamento - A União Sagrada

Victor Mendanha

Assunto: Casamento



Casa da Cultura António Bentes  
S. Brás de Alportel

Biblioteca

Livro n.º 1408

Cota n.º 5-4  
~~1408~~

SIMBOLOGIA E HISTÓRIA DOS ACONTECIMENTOS SOCIAIS E RELIGIOSOS

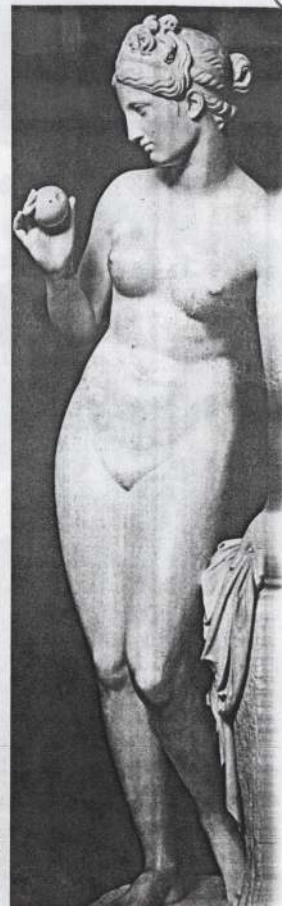
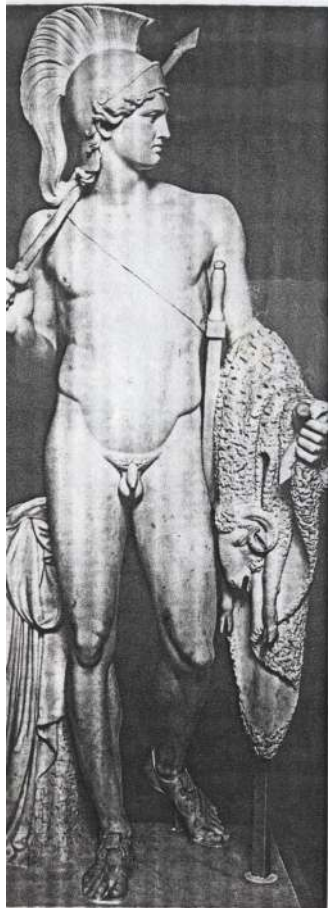
# CASAMENTO

## A UNIÃO SAGRADA

**E**ntre nervosos e excitados, os noivos repetiram a fórmula litúrgica do consentimento matrimonial, dita pelo sacerdote, garantindo que se recebiam

mutuamente, prometendo serem fiéis, amarem-se e respeitarem-se, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, durante todos os dias das suas vidas.

*As figuras mitológicas de Júpiter, após a conquista de Vênus de Marte, e de Vênus simbolizam adequadamente os noivos em qualquer casamento*





*Por vezes os noivos pretendem recriar antigas tradições portuguesas, como sucedeu neste casamento à moda do século XIX*

# OS SÍMBOLOS

Na cerimónia religiosa do casamento católico surgem alguns símbolos de importante significado, cuja carga energética apenas poderá beneficiar quem os conhece pois, como diz o povo, apenas aquilo que conhecemos nos pode fazer mal ou bem.

Entremos no desvendar do seu significado, conforme a definição divulgada pelos mais completos dicionários de esoterismo, aqui apresentado em síntese devido a falta de espaço:

**Véu**— Durante a cerimónia do casamento religioso a noiva cobre a face com um véu, levantado pelo noivo após a aceitação.

Véu é aquilo que separa duas coisas, significando o conhecimento oculto ou revelado, caso seja usado ou retirado, por isso a noiva vai velada representando o mistério, como Ísis estava velada para o neófito.

O momento em que o noivo levanta o véu da noiva representa o instante em que o neófito começa a ter conhecimento dos mistérios que a noiva encerra, já que ela— como representação da deusa egípcia Ísis— pode funcionar (ver caixa sobre o casamento mágico) como uma deusa a poder proporcionar a verdadeira Iniciação ao marido.

Na tradição cristã monástica, "tomar o véu" significa separar-se do mundo, mas também separar o mundo da intimidade na qual entramos numa vida com Deus.

**Vestido branco**— O branco significa pureza, algo onde nada está escrito, portanto um come-

ço mas, infelizmente, nos tempos actuais do Kali Yuga na maior parte das noivas muita coisa foi já "escrita" e o começo deu-se há muito, assim como o fim da pureza.

Quando isso sucede é uma leviandade, para não dizer uma mentira— que transforma a cerimónia numa verdadeira farsa— a noiva entrar na igreja vestida de

das flores como a imagem das virtudes da alma.

No caso preciso da flor da laranjeira, devido ao seu peculiar perfume, simboliza as virtudes da alma e o princípio passivo comunicando-se à sua volta e influenciando o meio em que existe.

As flores artificiais modernas, impostas pela falta de flores de laranjeira durante todo o ano,

nas, para inglês ver...

**Alianças**— Durante a cerimónia religiosa o noivo coloca um anel no dedo do Sol da noiva e a noiva faz o mesmo no dedo do Sol do noivo.

Este anel ou aliança, como o seu próprio nome indica, representa a aliança efectuada entre os noivos num destino comum tanto para o melhor como para o pior, na saúde e na doença, etc.

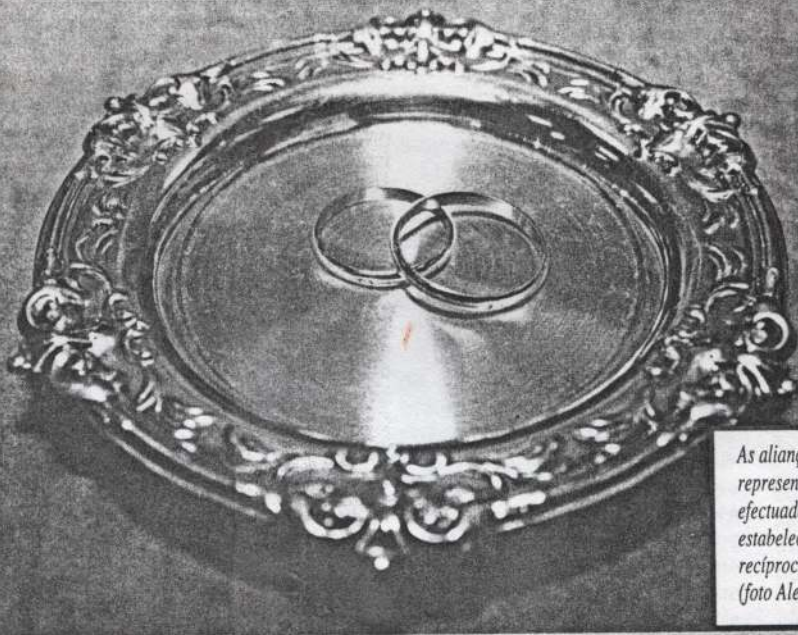
Mas trata-se de um símbolo ambivalente, simbolizando a relação amo-escravo, pois ao permutar as alianças os noivos afirmam, pelo gesto, que a relação acima evocada estabelece-se entre eles duplamente e em dois sentidos opostos: exige que cada um dos cônjuges se torne, assim, amo e escravo do outro.

**Arroz**— O arroz é a riqueza, a abundância, a pureza primeira, além do símbolo da felicidade e de fecundidade.

Lançam-se punhados de arroz nas cerimónias de casamento, desejando aos noivos aquilo que ele representa.

Trata-se de um costume importado, pois a simbologia do arroz está para a Ásia assim como a simbologia do trigo está para a Europa.

Em algumas localidades portuguesas ainda se conserva a tradição de atirar trigo sobre os noivos.



As alianças de casamento representam o juramento efectuado pelos noivos, estabelecendo uma relação recíproca de senhor-escravo (foto Alexandra Silva)

branco.

**Flores de laranjeira**— Até há pouco tempo as noivas levavam um ramo de flores de laranjeira, agora substituído por flores artificiais, o que requer duas explicações.

Quanto à flor da laranjeira, como qualquer flor ela representa o princípio passivo e feminino, falando São João da Cruz

manifestam o artificialismo actual da maior parte dos matrimónios, geralmente resultantes de interesses mundanos.

Neste esquecimento das coisas sagradas presumiu-se, erradamente, não ser importante a realização dos casamentos durante a época em que as laranjeiras estivessem em flor, como se os ritmos da Natureza fossem, ape-

Depois procederam à cerimónia das alianças e, em seguida, a noiva levantou o véu que lhe cobria o rosto, permitindo aquilo que deveria ser o primeiro beijo do noivo.

A saída da igreja os convidados atiraram-lhes com bagos de arroz e, a meio da boda, os recém-casados escaparam-se para a desejada lua-de-mel.

A possibilidade deste ou de outro qualquer casamento durar é, actualmente, muito reduzida pois, passados alguns anos, esquecendo-se do que prometeram um ao outro e do simbolismo da cerimónia os cônjuges já nem sequer se poderão ver, acabando o matrimónio em divórcio ou num relacionamento marcado por contínuos litígios.

Desde há algum tempo atrás que a Igreja Católica procede, felizmente, a uma preparação antecipada dos nubentes, com a finalidade das fórmulas rituais irem mais além de um simples papaguear mas, nestes tempos do final da Idade do Ferro, ou Kali Yuga, quando a atenção das pessoas passou a estar toda focalizada para o mundo dos fenómenos exteriores, para a matéria e para o corpo, os resultados não podem ser excelentes.

Por nosso lado, crentes na inutilidade de remar contra a maré, apenas pretendemos desvendar, aqui, alguns dos mistérios e símbolos ligados ao casamento, essa união sagrada tão capaz de divinizar como de diabolizar os dois principais intervenientes.

## Do Todo à separação dos sexos

Começemos por abrir o livro bíblico do Génesis e ler o que nele se afirma sobre a chamada queda da Humanidade, narrativa aliás com todo o aspecto de história para crianças ou de fábula, porque no tempo da redacção e transmissão dessas verdades aos adormecidos elas não poderiam ser apresentadas de outra forma.

Está ali escrito, em síntese, ter Deus criado primeiro Adão, colocando-o no Paraíso, para depois criar Eva que, influenciada pela serpente, comeu o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, dando-o também a comer a Adão, procedimento proibido pelo Criador.

Por isso mesmo tanto Adão como Eva foram expulsos do Paraíso, condenados aos maiores

sofrimentos, como o de dar à luz filhos com dores e comer o pão com o suor do rosto, etc, etc.

Nessa altura viram que estavam nus-- tiveram, pela primeira vez, a noção da separatividade-- mas não conseguiram regressar pois Deus colocara Querubins guardando a entrada, munidos com espadas de fogo.

Nem sequer sermos originais ao dizer que todos quantos se satisfazem, neste particular, com a letra do texto bíblico são os mesmos de quem Jesus Cristo dizia apenas poderem beber leite, embora alguns de nós pretendam, ontem como hoje, alimentos espirituais mais fortes por reconhecerem, conforme o Mestre deixou também dito, que "a letra mata mas o espírito vivifica".

Para todas as escolas iniciáticas, Adão é o nome da Humanidade, quando era formada por seres andróginos ainda com íntima ligação com o Criador, portanto, providos de elevada percentagem de consciência do Todo.

Por seu lado a criação de Eva simboliza a fase do desaparecimento dessa androgenia, com a passagem à condição de seres com sexo diferenciado e já providos de cérebro, pois nunca se pode fazer o menor progresso sem ser à custa de alguma faculdade que antes se possuía, a qual virá a readquirir-se em forma mais elevada.

Portanto a Humanidade construiu o cérebro sacrificando temporariamente, o poder até ali detido pelos seres andróginos de gerarem outros seres sem necessidade de parceiro ou parceira.

Isto sucedeu com o objectivo de, mercê do novo órgão, o cérebro, conseguirem guiar na nova dimensão os seus corpos físicos ou densos, mesmo sujeitando-se a muitas dificuldades, tristezas e dores como iremos concluir.

Por seu lado o acto de comer a maçã, ou fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, simboliza a aquisição do poder do raciocínio e do desejo, por sua vez obtido à custa da perda, igualmente temporária, da visão espiritual ou ligação com o Criador, privação da comunhão com a consciência do Todo.

Desta forma Adão e Eva, a Humanidade sexualmente diferenciada e já com cérebro, individualiza-se-- cortando quase totalmente a sua ligação com um plano ao qual podemos chamar Mundo do Espírito Divino-- e, por isso mesmo, desce do Paraíso para outro plano energé-

tico, já diferenciado, de vibração energética muito mais baixa, onde evidentemente se manifesta a dualidade do bem e do mal e ao qual se chama Mundo.

Mundo subordinado a dezenas de leis limitadoras, a provocar o sofrimento do espírito-- único elo de ligação com o Todo-- agora submetido a um processo doloroso de involução e travagem das vibrações energéticas, embora necessário para podermos aprender a trabalhar com a matéria, até ao ponto de viragem ao retorno, marcada pela vinda de Cristo.

## As regras do perfeito matrimónio

Essa viagem de retorno, para ser mais fácil e rápida, deverá realizar-se a dois até que nos transformemos, novamente, em seres andróginos não se situando a teoria de C. G. Jung sobre a "anima" e o "animus" muito longe da verdade.

O machismo e o feminismo-- para não falarmos já na homossexualidade-- representam, portanto, desvios a corrigir para não continuarmos a marcar passo ou, até, retroceder no caminho da evolução espiritual.

Chegamos, assim, à conclusão de que um matrimónio equilibrado funciona como um trampolim necessário para aumentar a vibração energética dos elementos do casal (ver caixa sobre casamento mágico) ou para irmos dominando os nossos desejos e instintos de uma forma muito mais harmoniosa porque ajudamos, igualmente, a outra parte a fazê-lo.

No casamento sem adultério, ao contrário de quanto sucede numa vida sexualmente depravada, os desejos inflamados vão-se mitigando dentro de parâmetros aceitáveis e amorosos, em processo de sublimação e da vivência cristã, dando lugar ao amor pelo filho, a terceira pessoa do agregado familiar.

Por isso os seguidores do processo crístico da Alquimia da alma manifestam a opinião de que o único matrimónio espiritualmente válido é o religioso-- quando celebrado por um padre que seja um verdadeiro sacerdote-- já que o casamento pelo registo civil não passa de um contrato material, de utilização de corpos e bens, reduzindo a dimensão do ser humano à de um animal, de uma casa ou de

um negócio de automóveis.

Por outro lado, embora já ouçamos alguns risos, salientamos a importância, tanto sob o ponto de vista esotérico como religioso, dos noivos irem virgens para o casamento, principalmente a mulher, situação altamente difícil de conseguir neste final de Kali Yuga, quando os valores éticos e morais já se inverteram por completo.

Não se trata, simplesmente, de uma ideia mística, essa do resguardo da virgindade até à noite de núpcias, pois durante as relações sexuais além dos corpos físicos também se tocam e misturam os corpos energéticos do casal, entrando também parte do esperma do homem no sangue da mulher.

Fornicar, palavra derivada do latim "fornicari" ou "feito em abóboda", por na antiga Roma os lupanares localizarem-se em subterrâneos abobadados, significa manter relações sexuais com vários parceiros ou parceiras, não se condicionando o seu emprego ao facto delas se concretizarem ou não por dinheiro.

Quanto mais mulheres um homem sexualmente conhecer ou quanto mais homens uma mulher conhecer sexualmente mais baixarão as vibrações dos seus corpos energéticos, mais definirão as suas almas e menos possibilidades terão de obter êxito no caminho de retorno ao Pai ou ao Paraíso.

Será chover no molhado, como dizem os brasileiros, mas sempre acrescentaremos que uma das causas mais influentes no descalabro dos casamentos reside na chamada projecção vulgarmente feita pelas mentes devaneantes dos namorados.

A mente humana sofre do infeliz defeito de sonhar acordada, projectando nos outros o seu imaginário e, portanto, passando a acreditar que esses outros ou outras são, exactamente, como a nossa personalidade egoísta pretende que sejam.

Se não dominarmos a mente, compreendendo e dominando este vício do pensamento, criaremos a nossa própria infelicidade com as desilusões provocadas pelo desmoronar das ilusões auto-criadas, seja durante o noivado seja em outras fases da vida.

Para mais o casal tende a procurar, no exterior, aquilo a que chamam de felicidade mas a ideia que dela fazem não passa de uma miragem já que a felicidade não se encontra fora do nosso íntimo.

O gnóstico Samael Aun Weor, no livro "A Grande Rebelião", com a maior oportunidade, refere:

"Há momentos prazerosos e muito agradáveis, porém isso não é a felicidade pois as pessoas confundem o prazer com a felicidade. Banquetes, folias, bebedeiras, orgias, tudo isso é prazer bestial mas não é felicidade".

"São muitos os que têm esperança de, algum dia, serem felizes por ganharem um prémio na lotaria mas, se isso acontece, também não alcançam a felicidade".

Não a alcançam porque a única forma de ser feliz reside na prática do despojamento interior, deixando de perseguir o ter mas desejando ser, porta de entrada para o Caminho de regresso à Pátria do espírito, da qual sentimos contínuas mas nubladas saudades sem que as saibamos definir claramente.

## A tradição que veio dos arianos

Alberto Pimentel, na sua obra "A jornada dos séculos", referin-

do outros autores, como Consigliere Pedroso, Fustel de Coulanges, Leite de Vasconcellos, etc, demonstra como chegaram até nós grande parte dos costumes matrimoniais dos antigos ários, civilização a florescer no norte da Índia há cerca de oito mil anos, origem da raça indo-europeia.

Primitivamente os ários praticavam a exogamia-- roubo das mulheres de outra tribo-- até que esse costume desapareceu para dar lugar ao casamento por acordo mútuo, igualmente religioso pois tudo na sua vida era um verdadeiro re-ligar.

Ainda há poucos anos atrás a tradição ariana do rapto matrimonial sobrevivia no nosso país através de interessantes costumes, como sucedia ou sucede em Vila Cova da Coelheira, na Beira Alta, onde a comitiva do noivo, chamada "patrulha", vai a casa da noiva e, com a "patrulha" desta, acompanha-a no trajecto a pé para a igreja.

Os vizinhos juntam-se, então, em grupos e simulam querer roubar a noiva que, bem defendida pelas duas patrulhas, resiste

vitoriosamente.

Mais tarde os ários deram ao casamento toda a importância e conteúdo que ainda hoje tem entre nós, considerando que a mulher não é escrava mas a metade do homem, compreendendo de tal forma a importância da mistura dos corpos e das almas dos cônjuges durante o casamento ao ponto de estabelecerem que a "vidhava" ou viúva -- em sânscrito "vi" quer dizer sem e "dhava" homem-- não só ficava presa à memória do marido na terra mas, igualmente, à sua alma no céu.

As leis de Manu, o primeiro legislador da primitiva raça ariana, estabeleciam que "uma mulher virtuosa que deseje obter a mesma mansão de felicidade que o seu marido, nada deve fazer que lhe possa desagradar, tanto durante a vida como depois da sua morte".

O pedido da mão da noiva feita aos pais dela pelo namorado, assim como o período de noivado são, igualmente, costumes portugueses com raízes arianas, não existindo qualquer diferença entre a forma como

algumas abencerragens ainda procedem e a praticada há milhares de anos atrás.

Nesse importante dia a família da noiva, depois de ouvir a vontade desta, acedia a dar a mão da filha ao futuro genro, estabelecia-se o montante do dote e, a partir daí, o noivo podia entrar na casa da família da noiva para a namorar.

Bem se poderá dizer ter o ritual sobrevivido, durante milhares de anos, a guerras, a catástrofes naturais e até a novas filosofias e religiões mas não escapou à tremenda dissolução de costumes trazida pelo final da Kali Yuga ou Idade do Ferro. Actualmente, a maioria dos países só conseguem saber, na melhor das hipóteses, quem são os homens que dormem com as filhas quando elas aparecem grávidas em casa.

O casamento religioso era tido, pelos ários, como a única forma de união matrimonial e o legislador Yama lembra, centenas de anos antes de Cristo: "O contracto conjugal só fica completo depois da cerimónia da união das mãos ou "panigraha",



A cerimónia das mãos, realizada entre nós durante o casamento religioso, tem a sua origem no casamento dos antigos ários, do norte da Índia



e de ter sido dado o sétimo passo à roda do fogo sagrado".

No ritual católico conserva-se, ainda, o costume da "panigraha" ou união das mãos dos noivos, perante o sacerdote celebrante, não sendo o único ponto de coincidência entre as antigas cerimónias milenares dos primitivos arianos e as do catolicismo.

Também conservamos a tradição do anel nupcial ou aliança, com a única diferença de, na Índia antiga, os anéis dos noivos apresentarem-se soldados um ao outro, sendo separados só na altura da cerimónia religiosa e devendo cada um guardar o seu.

Não é de admirar, portanto, que Fustel de Coulanges em "Cité Antique", página 46 e seguintes, lembre que "a instituição do casamento sagrado deve ser tão antiga na raça indo-europeia como a religião doméstica, porque uma acompanha a outra. Esta religião ensinou ao homem ser a união conjugal mais alguma coisa do que a comunicação dos sexos ou um afecto passageiro, unindo dois esposos pelo laço poderoso do mesmo culto e das mesmas crenças".

## O mistério dos dois apenas num

Outra verdade importante, cuja compreensão se torna cada vez mais urgente, é a de que poderemos ser homens ou mulheres na forma física mas o Ser interior, a que chamamos espírito, possui as energias dos dois sexos na sua permanente androgenia.

O mestre oriental Bhagwan Shree Rajneesh criticava o infeliz facto dos adultos imporem aos meninos certos comportamentos que se entendem próprios de homens e às meninas determinadas facetas comportamentais presumivelmente inerentes às mulheres.

Tais práticas, levemente aceites, contém erros tão crassos como a estúpida ideia de que os homens não choram...

Na essência, o encontro de sexos a que assistimos, na maneira de vestir e em algumas de viver e de pensar, considera-

as Rajneesh um bom sinal desde que não tenham origem na homossexualidade e na devassidão dos costumes.

No seu maravilhoso livro "A Harmonia Oculta", ele afirma terem sido criadas pela mente algumas dessas diferenças, provocadoras de problemas interiores graves porque todos somos ambos.

"Se você se fixar, ape-

nas, no masculino, o que fará com a sua mulher interior? E a mulher está aí. Às vezes ela quer lastimar-se e chorar mas você não pode, você é um homem e tem de se comportar como tal. Não escuta a natureza, ouve apenas as teorias criadas pelo homem que lhe dizem ser você um homem, só que a natureza criou as suas glândulas lacri-

mais nos seus olhos. Se ela quisesse que um homem não tivesse sentimentos, então não haveria coração".

"Mas um homem sente tanto como uma mulher, só que reprime a sua feminilidade e isso cria um conflito interior. Em vez de usar as polaridades opostas para fluir, em lugar de usar as duas polaridades como uma tensão, a qual cria a vivacidade, você suprime a polaridade, o que o amortece e mata a sua sensibilidade".

"Se um homem também não for mulher não passa de metade de si próprio, é aleijado já que metade do seu ser foi reprimido. E esse ser reprimido vingar-se-á. Mais cedo ou mais tarde ele enlouquecerá, porque a parte reprimida voltar-se-á contra a parte dominadora".

Se os dois cônjuges souberem realizar o processo alquímico da sua "anima" com o seu "animus", encontrando o equilíbrio perdido, a totalidade interior será uma realidade e quando um homem se torna uma totalidade interior não depende da mulher, assim como quando a mulher se transforma numa totalidade interior não depende do homem.

Haverá um momento, como sucedeu com Buda, com Krishna ou com Cristo, que o homem e a mulher também se moverão sós, não precisando de nada.

Como Rajneesh lembra, em "A Harmonia Oculta": "Agora o homem encontrou a sua parte feminina interior e a mulher a sua parte masculina interior, num verdadeiro casamento alquímico, não existindo mais necessidade de procurá-las fora. Interiormente existe, agora, um processo constante de tese, antítese e síntese. Agora eles crescem sôzinhos usando a mesma dialéctica".

Se o processo da Alquimia interior fosse ensinado aos noivos não haveria tantos divórcios, deixando o lar de ser um campo de tensões, a levarem à ruptura, para se transformar num templo do Deus vivo.



Entre nós o casamento não escolhe idade, como a foto evidencia e a ternura dos noivos manifesta

Victor Mendanha

No seu tratado "As Chaves do Reino Interno- O Conhecimento de Si Mesmo", o rosacruziano dr. Jorge Adoum, descreve em pormenor o "modus faciendi" das operações do casamento mágico.

Ele nos diz que quando o homem voltar a ser andrógino será um Deus completo mas enquanto possuir sexo diferente não passa de metade de um Deus, necessitando da mulher para divinizar-se. Por enquanto é a mulher que aperfeiçoa o homem e o homem a mulher, completando-se os dois na Unidade.

Para o autor, no casamento a mulher é que acende o fogo sagrado no altar do coração do homem, pois só ela é capaz de produzir o fogo divino ou força geradora masculina.

No entanto o fogo é constituído por fumo e luz, devendo o homem saber escolher entre um e outro já que a chama sagrada, acesa pela mulher, traduz-se em fumo no sexo, em calor no coração-- depois de transformado pelo fígado-- e em luz no cérebro.

Esta transmutação do fogo depende da imaginação do homem, de modo que se a imaginação se dirige para baixo, durante a chama, ela atrai matéria de pensamento de baixa vibração, aumentando a fumaça sufocante, mas se se eleva ao coração produz o calor do amor e a luz quando elevada ao cérebro.

Quando o fogo, aceso pela mulher, consegue ascender pela medula do homem até ao cérebro, sai pelo alto da cabeça na forma de luz dourada, o nimbo que os artistas clarividentes pintaram ao redor das cabeças dos santos, significando a regeneração do homem ou sua iluminação.

Nessa altura diz-se que o homem é iluminado porque aí se encontra a Grande Escola Mental, dirigida pelos Senhores da Mente abstrata, e o Iluminado coloca-se em uníssono com a Grande Inteligência, converte-se numa luz dentro do mundo das trevas, fazendo com que todos os seres maléficis corram para

# A MAGIA



Escultura manuelina,  
belo símbolo do casamento  
mágico, vendo-se o Rei  
e a Rainha num só corpo  
(foto de Alexandra Silva)

ele mas chocando-se contra a sua armadura luminosa como as ondas contra a rocha.

Para Jorge Adoum, importa recordar sempre que o homem é igual ao pavio de uma vela e a mulher ao fogo, sendo o pensamento que produz ou fumaça ou calor ou luz e aquele que vê essa luz "pode ler em seu cérebro o mapa dos sistema solar".

A salvação do homem depende da mulher, pois ser ela a sacerdotiza do fogo sagrado, só que o homem deve escolher, diante da mulher, entre a escravidão ou a liberdade como se fossem dois pratos da mesma balança sendo o pensamento que faz inclinar o fiel dessa mesma balança.

No ventre da mulher encontra-se escondida a máxima sabedoria mas essa sabedoria acha-se

no fundo de um abismo perigoso, não se podendo descer a ele sem a ajuda da luz porque se a descida se fizer guiado pelo fumo dos seus desejos infalivelmente se abismará.

Todos os indivíduos estão providos de dois elementos do magnetismo universal da Alma Mundi que são o elemento positivo ou projector e o elemento negativo ou atrativo, por isso existem temperamentos mais projectores que atrativos ou o contrário e quem chegar ao equilíbrio entre eles será um Perfeito, por isso Jorge Adoum diz que só os Santos, os Mestres e os Grandes Iniciados chegam a esse estado.

A energia do ser nunca está estacionária, circulando de um indivíduo para o outro, por isso quando um homem de tempera-

mento projectivo se une a uma mulher de temperamento receptivo produz-se um intercâmbio capaz de penetrar nos centros vitais, sobretudo se não existir o impedimento das roupas.

Esta lei deve ser observada pelos noivos ao pensarem contrair matrimónio porque, se na mulher predominar o mesmo tipo de energia que no homem, o casamento não deve realizar-se visto não se encontrar equilibrada a lei do binário.

Segundo o investigador rosacruziano, os homens espiritualmente acordados devem procurar uma mulher espiritualmente acordada e vice-versa. Devem amá-la sem desejo e adorá-la sem profanação, chave esta capaz de acender no homem o referido fogo sagrado.

Quando o homem se entrega a um trabalho intelectual intenso, os magos verdadeiros recomendam-lhe que procure acender esse fogo através de uma excitação genésica mas sem apagá-lo porque essa excitação facilita o trabalho fornecendo à mente intuitiva certa elasticidade a fim de alcançar determinadas fontes de iluminação ignoradas pela mente objectiva.

Mas Jorge Adoum vai mais além, garantindo também criar o fogo sagrado felicidade, sabedoria, abundância e valor, confirmando que quando a mulher acende no homem, e este nela-- pois todo o processo é recíproco-- o fogo sagrado ou energia solar, pode dizer-se estarem a caminho da Grande Iniciação Interna, já que esta energia ao brotar e ao ser bem dirigida, pode consumir tudo quanto separa o ser humano do seu Salvador, sendo este o renascimento e a vitória sobre a morte de que Cristo fala nos Evangelhos.

A sarça de Horeb terá ardido em todo o sistema nervoso, sem consumi-lo, e o Iniciado ou a Iniciada penetra no reino do Deus Interno, tendo domínio sobre o céu e sobre a terra, no positivo e no negativo, porque já se converteu no Uno.